

Análise da frequência e do impacto de eventos estressores em uma amostra de adolescentes

Christian Haag Kristensen

Joana Severo Leon

Daniela Bergesch D'Incao

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo

Débora Dalbosco Dell'Aglio

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO

Este estudo investigou a frequência e o impacto de eventos de vida estressores em 330 adolescentes de ambos os sexos, de 12 a 17 anos, estudantes do Ensino Fundamental em escolas estaduais de Porto Alegre e Novo Hamburgo. Foi utilizada uma versão adaptada do Inventário de Eventos Estressores na Adolescência (IEEA), aplicada coletivamente. Os eventos mais frequentes incluíram provas no colégio, discussão com amigos, morte de familiares, cumprir ordens dos pais e brigas com irmãos. Entre os eventos de maior impacto, destacam-se sofrer algum tipo de violência sexual, ser impedido de ver os pais e ser levado para a FEBEM ou instituição de abrigo. Foram exploradas diferenças por sexo e idade em relação à frequência e o impacto dos eventos estressores na adolescência. Quando comparadas aos meninos, adolescentes do sexo feminino apresentaram escores de impacto mais elevados, bem como maior frequência de eventos referentes a relacionamentos interpessoais.

Palavras-chave: Eventos estressores; adolescentes; impacto.

ABSTRACT

Analysis of the frequency and impact of stressful life events in a sample of adolescents

This study investigated the frequency and impact of stressful life events in 330 male and female public school adolescents, ranging from 12 to 17 years old, in Porto Alegre and Novo Hamburgo, RS, Brazil. A modified version of the Adolescence Stressful Life Events Inventory was collectively administered. Among the most frequent events were: school tests, quarreling with friends, death of relatives, obeying parent's rules, and fighting with siblings. Events of greater impact included: being exposed to sexual violence, being prohibited from seeing parents, and being taken to a juvenile detention center or juvenile shelter. Sex and age differences as reflected in frequency and impact were explored. In contrast to boys, girls reported higher levels of impact and a higher frequency of stressful life events related to interpersonal relationships.

Keywords: stressful life events; adolescence; impact.

Análise da Frequência e do Impacto de Eventos Estressores em uma Amostra de Adolescentes

A adolescência foi descrita há um século atrás como um período inerente de sofrimento e dificuldade, tanto para o adolescente quanto para as pessoas de seu convívio (Arnett, 1999). Atualmente, a visão teórica predominante (expressa, por exemplo, em Steinberg, 1999) concebe o adolescente típico como um indivíduo que atravessa esse período vital apresentando sentimentos positivos em relação a si mesmo e seus familiares, desenvolvendo habilidades para formar e manter relacionamentos significativos com indivíduos do mesmo sexo e do sexo oposto, e sendo capaz de atender às demandas sociais e educacionais impostas pelo meio em que está inserido. Por outro lado, um declínio no bem-estar geral e na saúde dos adolescentes tem sido enfatizado (Compas, Hinden & Gerhardt, 1995). Diversos fatores de risco ao desenvolvimento do adolescente podem ser citados, entre os quais: frequência de eventos de vida

estressores, baixa escolaridade, famílias numerosas, ausência de um dos pais, estresse familiar, doença mental familiar e violência (Hutz, Koller & Bandeira, 1996).

Considerável atenção tem sido dada à investigação dos eventos de vida estressores, especialmente em função de suas conseqüências adversas no desenvolvimento (Monroe, Rohde, Seeley & Lewinsohn, 1999; Suh, Diener & Fugita, 1996). Em um modelo transacional, a reação de estresse é um resultado da interação entre um agente causal interno ou externo (estressor), uma avaliação cognitiva que diferencia entre modalidades do estressor (dano, ameaça e desafio) e os processos de *coping* utilizados para lidar com os estressores (Lazarus, 1993). O estresse então pode ser definido como um desequilíbrio entre as percepções do indivíduo quanto à demanda da situação e à sua capacidade de atender a tais demandas, e o estressor como um catalisador ligado a este desequilíbrio (Lazarus & Folkman, 1984; Lohman & Jarvis, 2000). Entre os eventos de vida

estressores mais comuns na infância e adolescência, são citados por Compas (1987): (a) situações que incluem mudanças de vida, como separação dos pais, mudança de escola e doenças; (b) condições estressoras crônicas, como pobreza, deficiências no desenvolvimento físico ou emocional, conflitos familiares constantes; e (c) problemas do dia-a-dia, como provas escolares, disputas com amigos e discussões com os pais.

Mudanças internas (biológicas e psicológicas) caracterizam o processo de adolescência. Estas modificações internas, quando acrescidas a estressores externos, requerem ajustes e adaptações (Groër, Thomas & Schoffner, 1992). Ainda, muitos eventos estressores vividos pelos adolescentes estão relacionados à aquisição e transição de papéis como, por exemplo, adaptação a novos ambientes, a diferentes demandas acadêmicas e a mudanças nas relações com pares do mesmo sexo ou do sexo oposto, em adolescentes mais novos. Em indivíduos nas etapas finais da adolescência, conforme destacado por Groër e cols., fatores estressores envolvem questões de separação-indivíduo, de relacionamento íntimo e a preparação para a universidade ou o trabalho.

Pesquisas sobre estresse na adolescência têm descrito diversos eventos como os mais característicos ou representativos, não havendo, entretanto, consenso entre os estudos revisados. Mates e Allison (1992) descreveram, em uma amostra de estudantes canadenses, que as maiores fontes de estresse estavam vinculadas a relações familiares, trabalho e falta de dinheiro. Puskar e Lamb (1991) estudando uma amostra de adolescentes em uma escola rural no oeste dos Estados Unidos observaram que os eventos estressores mais significativos envolviam terminar o namoro, relações familiares e dificuldades de ajustamento na escola. Também envolvendo adolescentes norte-americanos, Groër e cols. (1992) realizaram um estudo longitudinal demonstrando diferenças entre gênero: em geral meninas relataram mais eventos estressores do que meninos; em particular, relataram maior quantidade de eventos estressores associados às relações familiares e interpessoais.

Oliveira e Costa (1997), analisando os temas predominantes em dilemas pessoais e vicários, identificaram oito categorias temáticas. Em relação aos dilemas vividos pessoalmente, os mais frequentes foram aqueles relacionados ao estudo e ao trabalho, à busca de independência e questionamento da autoridade paterna e materna, ao envolvimento em conflitos familiares, entre eles, desentendimentos conjugais e separação dos pais e à preocupação com escolha amorosa. Na experiência vicária, destacaram-se temas morais, especialmente dilemas sobre gravidez não desejada e aborto, busca de autonomia associada ao questionamento da autoridade dos pais, conflitos familiares e desentendimento entre os pais e decisões sobre escolhas amorosas.

Ainda que de forma breve, a revisão de literatura indica uma relativa falta de consenso em relação aos eventos estressores mais significativos. De fato, alguns autores (Dumont & Provost, 1999; Lohman & Jarvis, 2000), ao revisarem estudos empíricos, têm

apontado a influência preponderante dos problemas do dia-a-dia (ou micro-eventos diários) sobre os eventos estressores agudos como os principais fatores associados a resultados adversos no desenvolvimento na adolescência. Além disso, destaca-se ainda a cisão entre a concepção teórica predominante sobre o estresse (modelo transacional) e os instrumentos utilizados na investigação dos eventos estressores, que em muitos casos, estão restritos a *checklists* de eventos. Em um modelo transacional, conforme explicitado anteriormente, a avaliação cognitiva que o indivíduo realiza sobre o evento é tão importante quanto o evento em si. Mas, como apontam Grant e cols. (2003), a avaliação cognitiva é um processo que apresenta grande variabilidade ao longo do desenvolvimento sendo, em alguns casos, como na pesquisa de eventos estressores na infância, de difícil mensuração. Na adolescência, contudo, não somente é um processo passível de mensuração, mas é fundamental para a compreensão da reação de estresse. Na pesquisa com adolescentes, alguns autores (Dumont & Provost, 1999; Mullis, Youngs, Mullis & Rathge, 1993) destacam a necessidade de mensurar não somente a experiência objetiva (presença do estressor), mas também a experiência subjetiva (intensidade atribuída pelo sujeito que experimenta o evento estressor). Considerando os pontos acima discutidos, o presente estudo investigou a frequência e o impacto de eventos de vida estressores em uma amostra de adolescentes, analisando diferenças em relação a sexo, idade e local de procedência.

MÉTODOS

Participantes

Participaram deste estudo 330 adolescentes (146 meninos e 184 meninas), com idades variando entre 12 a 17 anos ($M = 13,85$ anos; $DP = 1,28$), cursando de sexta a oitava série de diferentes escolas públicas estaduais de Ensino Fundamental na periferia dos municípios de Porto Alegre (33%) e Novo Hamburgo (67%).

Instrumento

Para avaliar os eventos de vida estressores foi utilizada uma adaptação do Inventário de Eventos Estressores na Adolescência (IEEA; Abreu & cols., 2001; Ferlin, Lima, Alchieri, Kristensen & Flores, 2000). A versão adaptada apresenta 64 itens na forma de eventos de vida estressores. Para cada item, o sujeito indicou em uma alternativa sim/não se o evento ocorreu e, a partir disso, apontou em uma escala Likert de cinco pontos o impacto atribuído a cada evento (1 = baixo impacto, 5 = elevado impacto). No estudo inicial (Ferlin & cols.), realizado com 776 adolescentes ($M = 14,7$ anos; $DP = 2,17$) na região metropolitana de Porto Alegre, o IEEA apresentou elevada consistência interna (alfa de Cronbach = .95). Em estudo posterior (Abreu & cols.) envolvendo a participação de 304 adolescentes ($M = 16,01$ anos; $DP = 1,61$) provenientes da mesma região, o IEEA manteve a consistência interna em .94. Em sua versão original, o instrumento mostrou-se confiável na avaliação de eventos de vida estressores em adolescentes, independentemente do sexo, idade ou tipo de escola (particular *versus* pública) freqüentada.

Para este estudo foram realizadas alterações em alguns itens e acréscimo de outros, considerando o objetivo proposto de investigar eventos em adolescentes estudantes do Ensino Fundamental em escolas públicas de periferia, cuja realidade social inclui eventos diferentes dos observados nos estudos com adolescentes cursando o Ensino Médio em escolas centrais. Os eventos acrescentados, apontados no levantamento de eventos estressores apresentados no estudo de Dell'Aglio e Hutz (2000), foram: (a) ter dormido na rua, (b) ser levado para instituição de abrigo, (c) rodar de ano na escola e (d) ser impedido de ir a festas ou passeios. Por outro lado, foram excluídos os eventos fazer vestibular e escolher uma profissão, presentes na versão original do instrumento, e comumente relacionados às etapas finais da adolescência. A versão adaptada, utilizada para este estudo, é apresentada em anexo.

Procedimentos

Durante os meses de maio e junho de 2002 foram realizadas aplicações coletivas do IEEA em sala de aula, com a presença de pelo menos um dos membros da equipe, em uma única sessão. Foram tomados os cuidados éticos referentes a este tipo de estudo. O consentimento livre e esclarecido foi obtido junto à direção das escolas, e também foi solicitada, aos participantes, a concordância em participar da pesquisa, assegurando-lhes sigilo e confidencialidade dos dados.

Os dados foram tabulados e analisados descritiva e inferencialmente no programa SPSS for Windows (Versão 10.1). Inicialmente foram levantadas as propriedades psicométricas e estatísticas descritivas da escala, observando a frequência e o impacto dos eventos estressores entre os adolescentes. Posteriormente, diferenças em relação a sexo, idade e local de procedência foram exploradas.

Resultados

Para descrever as propriedades psicométricas do IEEA, separamos a análise do instrumento para os escores de frequência e impacto. Quando os escores de frequência foram utilizados, foi possível observar uma consistência interna elevada (alfa de Cronbach de .90). Entre os participantes, verificamos uma frequência média de 17,03 eventos ($DP = 9,4$). Na análise do impacto, observamos que a média da soma de escores de impacto para todos os eventos experienciados foi de 50,02 ($DP = 37,83$), com um intervalo entre 2 e 214 pontos, enquanto a média de impacto para cada evento estressor experienciado foi de 2,72 pontos ($DP = 0,88$), com um intervalo entre 1 e 4,67 pontos. Considerando o impacto, o instrumento apresentou uma consistência interna de .93.

Os cinco eventos estressores mais freqüentes foram *ter provas no colégio* (84%), *discutir com amigos(as)* (79%), *morte de algum familiar* (que não pais ou irmãos) (73%), *ter que obedecer às ordens de seus pais* (71%) e *ter brigas com irmãos(ãs)* (66%). Quando os escores médios de frequência dos eventos foram considerados, não foram detectadas diferenças significativas em relação a sexo, $t(328) = 0,161$, $p = 0,872$, ou local de procedência, $t(183,8) = 0,760$, $p = 0,448$. No entanto, foram encontradas diferenças significativas por sexo em alguns eventos estressores específicos. Entre os meninos foram mais freqüentes os eventos envolvendo problemas com professores e com a polícia, suspensão escolar e expulsão da sala de aula, envolvimento em brigas com agressão física, dormir na rua, ter doenças graves ou lesões sérias, sofrer acidente, algum tipo de violência e assalto. Entre as meninas, foram mais freqüentes os eventos relacionados a ter dúvidas e problemas quanto às mudanças no corpo e aparência, discutir com amigos(as), mudar de colégio, casa ou cidade, morte de irmãos(ãs) e brigas com os mesmos, ser impedido(a) de ir a festas ou passeios, obedecer às ordens dos pais, ter crises nervosas e não receber cuidado e atenção dos pais. Os escores de frequência dos eventos estressores com diferenças significativas ($p < 0,05$) em relação ao sexo são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1: Escores de frequência de eventos estressores por sexo

Evento ^a	Meninos ^b	Meninas ^b	X ²	p
Ter problemas com professores	52,7	38,6	6,03	0,014
Ter problemas com polícia	10,3	3,3	5,59	0,018

Problemas com mudanças corpo/aparência	24	46,2	16,42	0,001
Mudar de colégio	47,9	61,4	5,44	0,020
Mudar de casa ou de cidade	32,2	46,2	6,08	0,014
Discutir com amigos(as)	72,6	83,7	5,34	0,021
Ter brigas com irmãos(ãs)	54,8	75	13,93	0,001
Ter dormido na rua	13,7	3,8	9,33	0,002
Não receber cuidado e atenção dos pais	20,5	33,2	5,86	0,015
Ser impedido(a) de ir a festas ou passeios	42,5	62	11,65	0,001
Ter que obedecer às ordens de seus pais	62,3	78,3	9,31	0,002
Ter crise nervosa	36,3	56	11,86	0,001
Ter doenças graves ou lesões sérias	26,7	15,8	5,31	0,021
Ser suspenso(a) da escola	17,8	7,6	7,02	0,008
Envolver-se em brigas com agressão física	41,8	21,2	15,37	0,001
Ser assaltado(a)	45,9	13	42,34	0,001
Ser expulso(a) da sala de aula pela professora	49,3	27,7	15,33	0,001
Ter sofrido algum tipo de violência	15,8	7,1	5,46	0,019
Sofrer acidente	29,5	14,1	10,64	0,001

Nota. ^a Apenas os eventos com diferenças significativas por sexo são apresentados. ^b As frequências são apresentadas em percentuais relativos à ocorrência de cada evento para o total de participantes do mesmo sexo. Para todas as análises $n = 330$ e $g.l. = 1$.

Ainda considerando os escores de frequência no IEEA, foi observada diferença significativa em relação à idade, $F(5, 329) = 4,60$, $p < 0,001$, com uma

correlação positiva entre idade e frequência dos eventos, $r(330) = .21$, $p < 0,001$, conforme exemplificado na Figura 1.

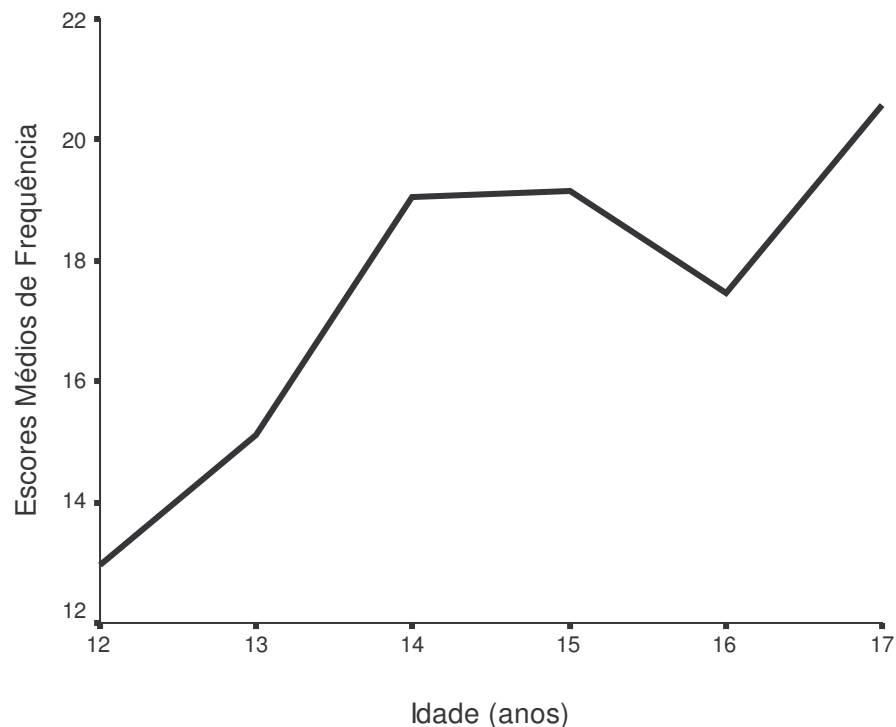


Figura 1: Escores médios de frequência por idade.

Os cinco eventos estressores de maior impacto atribuído pelos adolescentes são os seguintes (com o respectivo número de participantes que experienciou cada evento): *ser estuprado(a)*, $M = 4,69$ ($n = 16$), *ser levado(a) para a FEBEM*, $M = 4,29$ ($n = 21$), *ser tocado(a) sexualmente contra a vontade*, $M = 4,25$ ($n = 28$), *ser impedido(a) de ver os pais*, $M = 4,08$ ($n = 25$) e *ser levado(a) para uma instituição de abrigo*, $M = 4,00$ ($n = 19$). Como é possível verificar, embora os eventos acima citados tenham recebido os escores

mais elevados em termos do impacto atribuído, eles não foram eventos frequentes entre os participantes deste estudo. Nenhum dos eventos acima mencionados foi experienciado por mais do que 8,5% da amostra total de adolescentes.

Diferenças em relação a sexo, local de procedência e idade foram examinadas em relação às médias de impacto atribuído a cada evento estressor. No que concerne ao impacto, foi possível detectar uma diferença significativa quanto ao sexo, $t(328) = -3,38$,

$p = 0,001$, sendo que meninas atribuíram maior impacto médio aos eventos experienciados. A Tabela 2 apresenta os eventos estressores específicos nos

quais foram observadas diferenças significativas em relação ao sexo.

Tabela 2: Escores médios de impacto de eventos estressores por sexo

Evento ^a	Meninos	Meninas	<i>t</i>	<i>g.l.</i>	<i>p</i>
Morte de irmãos(ãs)	4,75	3,21	4,12	37,39	0,001
Discutir com amigos(as)	2,51	3,04	-2,79	258	0,006
Ter brigas com irmãos(ãs)	2,56	3,12	-2,72	216	0,007
Ter familiares com ferimentos ou doenças	2,52	3,01	-2,37	182	0,019
Ter dormido na rua	2,65	4,57	-3,41	15,30	0,004
Ter amigos(as) com ferimentos ou doenças	1,92	2,66	-2,56	80,26	0,012
Sofrer humilhação ou ser desvalorizado(a)	2,69	3,28	-2,17	128	0,032
Ter dificuldades em fazer amizades	1,92	2,67	-2,08	59	0,042
Um dos pais se casar novamente	2,44	3,24	-2,19	70,82	0,032
Separação dos pais	2,61	3,39	-2,43	100	0,017
Terminar o namoro	2,77	3,80	-4,08	139	0,001

Nota. Apenas os eventos com diferenças significativas por sexo são apresentados.

Também observamos diferença significativa em relação ao local de procedência, $t(328) = -3,47$, $p = 0,001$. Os adolescentes provenientes de escolas de Novo Hamburgo apresentaram escores médios de impacto mais elevados do que os adolescentes provenientes de escolas de Porto Alegre. Não foi encontrada diferença significativa em relação à idade, $F(5, 329) = 0,86$, $p = 0,5$, assim como não identificamos uma correlação significativa entre idade e impacto, $r(330) = 0,07$, $p = 0,15$.

Finalmente, observamos uma correlação positiva entre a frequência de eventos estressores e a média de impacto atribuído aos eventos experienciados, $r(330) = 0,43$, $p < 0,001$. Ou seja, houve uma tendência entre os participantes que experienciaram mais eventos em atribuir um maior impacto aos eventos experienciados – embora, como afirmado anteriormente, os eventos de maior impacto ocorreram em número reduzido. A partir do coeficiente de correlação, é possível verificar relativa independência entre as variáveis (Field, 2000): a frequência contribuiu para 18,3% na variabilidade do impacto. Portanto, na seção seguinte, discutiremos de forma separada os resultados para frequência e impacto.

DISCUSSÃO

Os eventos estressores de maior frequência neste estudo, *ter provas no colégio*, *discutir com amigos(as)*, *morte de algum familiar* (que não pais ou irmãos), *ter que obedecer às ordens de seus pais* e *ter brigas com irmãos(ãs)*, têm sido geralmente apontados na literatura sobre adolescência. Oliveira e Costa (1997) identificaram as questões relacionadas a estudo e atividades escolares entre os temas conflitivos de maior relevância neste período. Para Compas (1987), problemas do dia-a-dia, como as provas escolares, são os eventos estressores mais comuns na infância e na adolescência. Groër e cols. (1992) fazem referência ao ajuste às novas demandas acadêmicas como um fator estressor, corroborando o resultado que indica que provas escolares são, de fato, uma das fontes de estresse de maior frequência na faixa etária pesquisada. Não foram observadas

diferenças significativas para a frequência de *ter provas no colégio* em relação a sexo, local de procedência ou idade, apontando para a estabilidade deste evento ao longo das variáveis estudadas.

Outros eventos que se mostraram frequentes neste estudo foram discussão com amigos(as) e briga com irmãos(ãs). Em estudo anterior com crianças e adolescentes no sul do Brasil, Dell'Aglio (2000) verificou que o desentendimento com pares foi citado como a categoria mais frequente entre os eventos negativos, sugerindo que as dificuldades no relacionamento com irmãos e colegas se constituem como estressores frequentes. Interessantemente, Móscicki (1997) verificou uma associação entre o número de eventos estressores relacionados a amigos e a manifestação de comportamento suicida na adolescência. Conforme anteriormente mencionado, encontramos diferenças significativas em relação ao sexo para estes dois eventos, bem como diferenças significativas em relação à idade para o evento *discutir com amigos(as)*, sendo a frequência deste evento maior em adolescentes mais velhos do que entre os mais jovens.

Outro evento estressor presente entre os mais frequentes foi *ter que obedecer às ordens dos pais*. O estudo de Oliveira e Costa (1997) aponta a busca de autonomia e de realização, associada ao questionamento da autoridade dos pais, como a segunda temática conflitiva mais frequente nos relatos dos adolescentes mineiros. Considerando a frequência deste evento estressor, foram observadas diferenças apenas em relação ao sexo: meninas apresentaram escores significativamente mais elevados do que meninos. Considerando que o processo de busca de autonomia vai se intensificando com o passar dos anos na adolescência, a falta de diferença significativa entre os adolescentes agrupados por idade contrariou a expectativa dos autores. A análise conjunta de outro evento relacionado a ter que obedecer ordens, como *ser impedido(a) de ir a festas ou passeios*, $r(330) = -0,19$, $p < 0,001$, pode nos ajudar na compreensão deste resultado. Embora em nenhum dos eventos a diferença quanto à idade tenha sido significativa, em ambos foi possível observar um pico nos escores de

frequência no grupo de adolescentes com 14 anos. Parece então ser na adolescência média o período no qual os adolescentes estudados mais frequentemente lidam com eventos relacionados à obtenção de autonomia junto aos pais. De qualquer forma, desacordos sobre questões relacionadas à autonomia são geralmente citados entre os principais catalisadores no conflito entre adolescentes e seus pais (Montemayor, 1986).

Curiosamente, a literatura tem apontado para as diferenças entre o sexo dos pais, atribuindo menor peso ao sexo dos adolescentes nas relações familiares (Steinberg, 1999). Ou seja, adolescentes, de ambos os sexos, tendem a ter relações mais próximas e emocionalmente mais intensas (positivas e negativas) com mães e relações mais distantes com pais (Larson & Richards, 1994). Infelizmente, em nosso questionário, tal hipótese não pode ser testada. Sugerimos que estudos futuros possam incluir questões diferenciadas explorando nuances na relação com figuras paternas e maternas.

Considerando os eventos de maior impacto atribuído pelos adolescentes, destacamos *ser estuprado(a)*, *ser levado(a) para a FEBEM*, *ser tocado(a) sexualmente contra a vontade*, *ser impedido(a) de ver os pais* e *ser levado(a) para uma instituição de abrigo*. Maus-tratos na infância e adolescência são experiências com elevada prevalência (Finkelhor, 1994; Flores, Kristensen & Salzano, 1998) e impacto deletério ao desenvolvimento (Kendall-Tackett, Williams & Finkelhor, 1993). Além dos itens sobre estupro e toque sexual não-consensual, o IEEA apresentava ainda o evento *ter sofrido algum tipo de violência*, com um escore médio de impacto em 3,22 ($DP = 1,27$). Considerando os escores de impacto, não foram observadas diferenças significativas em relação ao sexo para nenhum dos três eventos. Interessantemente, em relação a *ser estuprado(a)*, apesar de encontrarmos variabilidade nos escores de impacto entre as meninas, não houve variabilidade alguma entre as respostas dos meninos; todos os oito meninos que experienciaram este evento, atribuíram ao mesmo um impacto máximo. Sabemos atualmente que o impacto emocional, social, cognitivo e comportamental da violência sexual pode ser tão intenso entre os meninos (Kristensen, Flores & Gomes, 2001) quanto àquele comumente descrito entre as meninas. Considerando agora os escores de frequência por sexo nos mesmos eventos, diferenças foram encontradas apenas para sofrer algum tipo de violência ($p = 0,016$), sendo que meninos experienciaram este evento mais frequentemente do que meninas (mas observe-se que aqui estão potencialmente incluídos diferentes tipos de violência, não apenas sexual). Inicialmente chamou a atenção dos pesquisadores a falta de diferença entre os sexos em relação ao impacto e, principalmente, à frequência nestes eventos. Em estudo anterior (Kristensen, Oliveira & Flores, 2000), observou-se uma proporção de quatro meninas sexualmente abusadas para cada menino. Entretanto, no estudo atual, é importante lembrar que as questões relacionadas à violência sexual (estupro e toque

sexual não-consensual) não dão conta de todo o fenômeno do abuso sexual, dificultando assim a comparação direta dos resultados entre os estudos. Especificamente a *ser tocado(a) sexualmente contra a vontade*, torna-se cada vez mais evidente a importância de considerarmos este fenômeno entre os meninos. Por exemplo, entre uma amostra de 2.474 homens ingleses, 5,35% relataram experiências sexuais não-consensuais antes dos 16 anos (Coxell, King, Mezey & Gordon, 1999). Apenas em termos comparativos, 8,2% dos meninos em nossa amostra relataram experienciar este evento.

Outros eventos entre os de maior impacto estão relacionados à diminuição de autonomia, mas um tipo de perda que se refere especificamente à restrição de liberdade: *ser levado(a) para a FEBEM*, *ser impedido(a) de ver os pais* e *ser levado(a) para uma instituição de abrigo*. Na pesquisa de Dell'Aglio (2000), 12,3% dos eventos negativos de vida citados se referiam a situações de privação e impedimento, demonstrando que este tipo de estressor tem impacto potencial durante o desenvolvimento.

Eventos relacionados às relações familiares foram registrados tanto entre aqueles de maior frequência quanto entre os de maior impacto. A família pode ser constituir como um fator de proteção, servindo como apoio frente a adversidades peculiares ao processo de desenvolvimento na adolescência, mas também pode ser geradora de estresse e conflito (Steinberg, 1999). Na esfera de eventos familiares, situações relacionadas à perda de membros da família foram consideradas pelos adolescentes com elevado impacto: *morte de um dos pais* ($M = 3,94$, $DP = 1,58$), *morte de irmãs(ões)* ($M = 3,68$, $DP = 1,64$) e *morte de algum familiar* (que não pais ou irmãos) ($M = 3,20$, $DP = 1,47$). Além disso, a morte de algum familiar foi um evento de grande ocorrência entre os participantes. A perda de alguém que dá suporte emocional, informacional e/ou material pode precipitar tentativas de suicídio (Móscicki, 1997) e deve ser considerada seriamente.

Outros resultados importantes foram diferenças: (a) por idade em relação à frequência de eventos e (b) por sexo em relação ao impacto e, para alguns eventos, também em relação à frequência. As diferenças significativas entre os grupos etários, quando os escores de frequência foram considerados, e a falta de significância na análise dos escores de impacto nos levam a especular sobre dois processos distintos. Em relação à correlação positiva entre idade e frequência de eventos estressores, foi possível corroborar os resultados de Groër e cols. (1992). Segundo estes autores, o aumento de frequência ao longo dos anos da adolescência estaria relacionado às demandas acadêmicas crescentes e às exigências na transição de novos papéis. Por outro lado, apesar de ocorrerem mais frequentemente entre adolescentes mais velhos, não necessariamente os eventos estressores são considerados em relação a um aumento de impacto. Uma possível explicação para este aparente paradoxo poderia ser alcançada se o atual estudo tivesse também mensurado as estratégias

de *coping* utilizadas pelos adolescentes. É possível supor que, apesar do aumento da ocorrência de eventos estressores, o impacto destes eventos não aumentaria, pois adolescentes mais velhos, com maior desenvolvimento cognitivo, dispõem de recursos adicionais para lidar com as fontes estressoras. De acordo com Altshuler e Ruble (1989), ao longo do desenvolvimento, ocorre um maior acesso a pensamentos e estratégias, expandindo o repertório de respostas a situações estressoras. Losoya, Eisenberg e Fabes (1998) também verificaram um aumento na utilização de estratégias de *coping* envolvendo processos cognitivos mais sofisticados, tornando os indivíduos mais independentes para lidar com as situações adversas.

Na análise por idade acima descrita, vemos claramente as vantagens de mensurarmos tanto os aspectos objetivos (frequência) quanto os aspectos subjetivos (impacto atribuído), conforme defendido por Dumont e Provost (1999) e Mullis e cols. (1993). Se a análise ficasse limitada à ocorrência dos eventos, poderia induzir à interpretação de que os níveis de estresse aumentam durante a adolescência; o que não parece ser o caso, quando analisamos o impacto que os adolescentes atribuem aos eventos experienciados. Este resultado possui, em si, implicações metodológicas importantes para a pesquisa com eventos estressores e deveria ser considerado em estudos futuros.

Em relação à análise por sexo, não foram identificadas diferenças significativas quando os escores médios de frequência dos eventos foram considerados. Por outro lado, foi possível detectar uma diferença significativa quando os escores de impacto foram computados: meninas atribuíram maior impacto médio aos eventos experienciados. Observando o tipo de evento mais frequente para cada sexo, pode-se generalizar que entre os meninos evidencia-se uma maior dificuldade nas relações estabelecidas com as figuras de autoridade (professores, polícia, direção da escola), enquanto que entre as meninas predominam questões relacionadas com sua intimidade, suas experiências pessoais ligadas às alterações do corpo e aos relacionamentos familiares. Estes resultados estão de acordo com o estudo de Groër e cols. (1992), que evidenciou maior frequência de eventos estressores entre as meninas, bem como diferenças nos eventos apresentados por meninas e meninos: entre as meninas predominaram eventos nas relações interpessoais e familiares.

Nossos resultados sugerem certa estereotipia sexual ou, como tem sido convencionalmente descrito, intensificação de gênero (Hill & Lynch, 1983, citado por Steinberg, 1999). Compas, Ey e Grant (1993) apontam que as mudanças nos relacionamentos sociais, durante a puberdade, podem levar as meninas a uma situação de maior vulnerabilidade do que os meninos para algumas formas de estresse psicológico, e a depressão pode ser uma forma tipicamente feminina de demonstrar isso. Durante a adolescência, a menina se sente pressionada a adotar estereótipos sexuais, que envolvem alguns comportamentos, como passividade,

dependência, e fragilidade, que têm se constituído socialmente como parte do papel feminino. Isso ajudaria a compreender porque existe maior prevalência de transtornos internalizantes, como a depressão, entre as meninas (Steinberg, 1999). Em contrapartida, os meninos, por serem estimulados à autonomia e independência, apresentariam maior oposição e confronto, incluindo problemas de comportamento e outros transtornos externalizantes. Ainda, as adolescentes investem mais do que os meninos em seus relacionamentos, como fonte de apoio emocional e de identidade pessoal, levando-as a sentir o estresse interpessoal como uma ameaça ao seu bem-estar (Rudolph & Hammen, 1999).

CONCLUSÕES

Este estudo verificou a ocorrência e o impacto de eventos estressores em uma amostra de adolescentes na região metropolitana de Porto Alegre. Não houve pretensão de generalizar os resultados para a população de adolescentes gaúchos, devido às limitações da metodologia empregada. Por outro lado, foi possível descrever os eventos mais frequentes entre os participantes, corroborando, em linhas gerais, resultados obtidos em estudos anteriores (por exemplo, Groër & cols., 1992; Mates & Allison, 1992; Oliveira & Costa, 1997; Puskar & Lamb, 1991). Identificamos ainda que problemas do dia-a-dia (ou micro-eventos diários) ocorrem com grande frequência, envolvendo questões escolares, e relações interpessoais com pares e familiares. Alguns autores (Dumont & Provost, 1999; Lohman & Jarvis, 2000) têm sugerido que eventos desta natureza possam ter uma contribuição preponderante a resultados adversos durante o desenvolvimento na adolescência. Não foi o objetivo deste estudo testar esta hipótese, mas é importante reconhecer que, estando correta, traz implicações importantes para a mensuração crescente e preocupação com a ocorrência de eventos diários. Por outro lado, observamos que eventos isolados e relativamente pouco frequentes foram considerados de grande impacto pelos adolescentes, especialmente situações de privação ou diminuição de liberdade e autonomia e violência sexual.

Finalmente, pensamos que foi possível demonstrar a necessidade de investigar tanto a dimensão objetiva quanto subjetiva dos eventos de vida, conforme sugerido por Dumont e Provost (1999) e Mullis e cols. (1993). Em particular, encontramos processos diferenciados quando analisamos as interações da idade com a frequência e o impacto. Se, por um lado, como mencionamos no início deste trabalho, as características positivas da adolescência têm sido enfatizadas, por outro lado, é importante não minimizar os eventos, alguns dos quais normativos, que os adolescentes experienciam durante seu desenvolvimento.

Referências

- Abreu, K. L.; Ramos, L. S.; Oliveira, A. S.; Silveira, A.; Stoll, I.; Lima, J. S.; Flores, R. Z. & Kristensen, C. H. (2001). Avaliação do impacto de eventos de vida estressores em adolescentes da região metropolitana de Porto Alegre:

- Desenvolvimento de uma escala. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *Resumo de Comunicações Científicas da XXXI Reunião Anual de Psicologia* (p. 245). Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Psicologia.
- Altshuler, J. L. & Ruble, D. N. (1989). Developmental changes in children's awareness of strategies for coping with uncontrollable stress. *Child Development*, 60, 1337-1349.
- Arnett, J. J. (1999). Adolescent storm and stress, reconsidered. *American Psychologist*, 54, 317-326.
- Compas, B. E. (1987). Stress and life events during childhood and adolescence. *Clinical Psychology Review*, 7, 275-302.
- Compas, B. E.; Ey, S. & Grant, K. (1993). Taxonomy, assessment, and diagnosis of depression during adolescence. *Psychological Bulletin*, 114, 323-344.
- Compas, B. E.; Hinden, B. R. & Gerhardt, C. A. (1995). Adolescent development: pathways and processes of risk and resilience. *Annual Review of Psychology*, 46, 265-293.
- Coxell, A.; King, M.; Mezey, G. & Gordon, D. (1999). Lifetime prevalence, characteristics, and associated problems of non-consensual sex in men: Cross-sectional survey. *British Medical Journal*, 318, 846-850.
- Dell'Aglío, D. D. (2000). *O processo de coping, institucionalização e eventos de vida em crianças e adolescentes*. Tese de Doutorado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Dell'Aglío, D. D. & Hutz, C. S. (2000). Eventos de vida de crianças e adolescentes institucionalizados. *Aletheia*, 12, 7-20.
- Dumont, M. & Provost, M. A. (1999). Resilience in adolescents: Protective role of social support, coping strategies, self-esteem, and social activities on experience of stress and depression. *Journal of Youth and Adolescence*, 28, 343-363.
- Ferlin, M.; Lima, J. S.; Alchieri, J. C.; Kristensen, C. H. & Flores, R. Z. (2000). Desenvolvimento do Inventário de Eventos Estressores na Adolescência (IEEA). *Resumos das Comunicações – Exponha-se – Semana de Pesquisa e Iniciação Científica* (pp. 204-205). São Leopoldo: UNISINOS.
- Field, A. (2000). *Discovering statistics using SPSS for Windows: Advanced techniques for the beginner*. London: SAGE.
- Finkelhor, D. (1994). The international epidemiology of child sexual abuse. *Child Abuse & Neglect*, 18, 409-417.
- Flores, R. Z.; Kristensen, C. H. & Salzano, F. M. (1998). Definir e medir o que são abusos sexuais. Em M. de F. Pinto Leal & M. A. César (Orgs.) *Indicadores de violência intra-familiar e exploração sexual comercial de crianças e adolescentes* (pp. 39-55). Brasília: Cese/Ministério da Justiça.
- Grant, K. E.; Compas, B. E.; Stuhlmacher, A. F.; Thurm, A. E.; McMahon, S. D. & Halpert, J. A. (2003). Stressors and child and adolescent psychopathology: Moving from markers to mechanisms of risk. *Psychological Bulletin*, 129, 447-466.
- Groër, M. W.; Thomas, S. P. & Schoffner, D. (1992). Adolescence stress and coping: A longitudinal study. *Research in Nursing and Health*, 15, 209-217.
- Hutz, C. S.; Koller, S. H. & Bandeira, D. R. (1996). Resiliência e vulnerabilidade em crianças em situação de risco. Em S. H. Koller (Org.), *Aplicações da psicologia na melhoria da qualidade de vida* (pp. 79-86). Porto Alegre: ANPEPP.
- Kendall-Tackett, K. A.; Williams, L. M. & Finkelhor, D. (1993). Impact of sexual abuse on children: A review and synthesis of recent empirical studies. *Psychological Bulletin*, 113, 164-180.
- Kristensen, C. H.; Flores, R. Z. & Gomes, W. B. (2001). Revelar ou não revelar: Uma abordagem fenomenológica do abuso sexual em meninos. Em M. A. de T. Bruns & A. F. Holanda (Orgs.), *Psicologia e pesquisa fenomenológica: Reflexões e perspectivas* (pp. 109-142). São Paulo: Ômega.
- Kristensen, C. H.; Oliveira, M. S. & Flores, R. Z. (2000). Violência contra crianças e adolescentes na Grande Porto Alegre. Parte B: Pode piorar? Em AMENCAR (Org.), *Violência doméstica* (pp. 104-117). Brasília: UNICEF.
- Larson, R. & Richards, M. (1994). Family emotions: Do young adolescents and their parents experience the same states? *Journal of Research on Adolescence*, 4, 567-583.
- Lazarus, R. S. (1993). From psychological stress to the emotions: A history of changing outlooks. *Annual Review of Psychology*, 44, 1-21.
- Lazarus, R. S. & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer.
- Lohman, B. J. & Jarvis, P. A. (2000). Adolescent stressor, coping strategies, and psychological health studied in the family context. *Journal of Youth and Adolescence*, 29, 15-43.
- Losoya, S.; Eisenberg, N. & Fabes, R. A. (1998). Developmental issues in the study of coping. *International Journal of Behavioral Development*, 22, 287-313.
- Mates, D. & Allison, K. (1992). Sources of stress and coping responses of high school students. *Adolescence*, 27, 461-474.
- Monroe, S. M.; Rohde, P.; Seeley, J. R. & Lewinsohn, P. M. (1999). Life events and depression in adolescence: Relationship loss as a prospective risk factor for first onset of Major Depressive Disorder. *Journal of Abnormal Psychology*, 108, 606-614.
- Montemayor, R. (1986). Family variation in parent-adolescent storm and stress. *Journal of Adolescent Research*, 1, 15-31.
- Móscicki, E. (1997). Identification of suicide risk factors using epidemiologic studies. *The Psychiatric Clinics of North America*, 20, 499-517.
- Mullis, R. L.; Youngs, G. A., Jr., Mullis, A. K. & Rathge, R. W. (1993). Adolescent stress: Issues of measurement. *Adolescence*, 28, 267-279.
- Oliveira, C. A. & Costa, A. E. (1997). Categorias de conflitos no cotidiano de adolescentes mineiros. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 10, 87-104.
- Puskar, K. & Lamb, J. (1991). Life events, problems, stresses, and coping methods of adolescents. *Issues in Mental Health Nursing*, 12, 267-281.
- Rudolph, K. D. & Hammen, C. (1999). Age and gender as determinants of stress exposure, generation, and reactions in youngsters: A transactional perspective. *Child Development*, 70, 660-677.
- Suh, E., Diener, E., & Fujita, F. (1996). Events and subjective well-being: Only recent events matter. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 1091-1102.
- Steinberg, L. (1999). *Adolescence* (5a ed.). Boston: McGraw-Hill College.

Enviado: 25.05.2004
 Revisado: 15.06.2004
 Aceito: 30.06.2004

Sobre os autores:

Christian Haag Kristensen: Mestre em Psicologia do Desenvolvimento (UFRGS), Docente do Curso de Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, RS

Débora Dalbosco Dell’Aglío: Doutora em Psicologia do Desenvolvimento (UFRGS), Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS

Joana Severo Leon e Daniela Bergesch D’Incao: Bolsistas de Iniciação Científica (FAPERGS) e Acadêmicas do Curso de Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, RS

Os autores gostariam de agradecer às acadêmicas do Curso de Psicologia da UNISINOS, Jeane Lessinger Borges e Samara Silva dos Santos, pela colaboração na coleta e tabulação dos dados.

Correspondência sobre este trabalho deve ser enviada ao primeiro autor: Laboratório de Neurociências, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Av. Unisinos, 950, Caixa Postal 275, CEP 93022-000, São Leopoldo, RS. Fone/Fax: (51) 3332-0326.
E-mail: chkristensen@yahoo.com.br

ANEXO
Inventário de Eventos Estressores na Adolescência

Sexo: _____ Idade: _____

COD/ID: _____

Abaixo estão apresentados alguns eventos que podem ter acontecido na sua vida, provocando uma reação de tensão que chamamos de estresse. Damos o nome de estresse a um conjunto de reações físicas e psicológicas que temos quando passamos por uma situação de vida difícil, que nos dá medo, incomoda ou irrita. Marque aqueles eventos de vida que já ocorreram com você e assinale, para estes, um valor entre 1 a 5 de forma que quanto maior for o valor, mais forte foi o estressor para você. Considere o seguinte exemplo:

00) Ter problemas de saúde

Não ()

Sim (X) 1() 2() 3() 4() 5(X)

Nesse exemplo, o adolescente realmente teve problemas de saúde e considerou isso um evento estressor muito forte. Portanto, assinalou a alternativa "Sim" e marcou o valor "5". Se o ou a adolescente não tivesse passado por nenhum problema de saúde, ele/ela assinalaria a alternativa "Não" e nenhum valor seria atribuído ao evento, pois o mesmo não ocorreu. Leia com atenção às alternativas abaixo e trabalhe individualmente. Muito obrigado pela sua colaboração.

1) Ter problemas com professores

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

2) Ter problemas com a polícia

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

3) Não ter dinheiro

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

4) Ter problemas com a justiça

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

5) Rodar de ano na escola

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

6) Um dos pais ter filhos com outros parceiros

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

7) Perder o emprego

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

8) Ter problemas e dúvidas quanto às mudanças no corpo e aparência

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

9) Não ter amigos(as)

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

10) Não conseguir emprego

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

11) Mudar de colégio

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

12) Mudar de casa ou de cidade

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

13) Assumir o sustento da sua família

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

14) Ser levado(a) para a FEBEM

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

15) Ir para o conselho tutelar

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

16) Morte de um dos pais

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

17) Morte de irmãos(ãs)

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

18) Morte de outro familiar

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

19) Morte de amigo(a)

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

20) Discutir com amigos(as)

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

21) Ter brigas com irmãos(ãs)

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

22) Ter familiares com ferimentos ou doenças

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

23) Um dos pais ficar desempregado

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

24) Ter dormido na rua

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

25) Ter amigos(as) com ferimentos ou doenças

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

26) Não receber cuidado e atenção dos pais

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

27) Ser impedido(a) de ir a festas ou passeios

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

28) Ter que obedecer às ordens de seus pais

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

29) Ter crise nervosa

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

30) Ter doenças graves ou lesões sérias

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

31) Ter problemas com os outros pela sua raça

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

32) Ter dificuldades de adaptação/ajustamento na escola

Não ()

Sim () 1() 2() 3() 4() 5()

33) Sofrer humilhação ou ser desvalorizado(a)

- Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 34) Sofrer castigos e punições
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 35) Ter dificuldades em fazer amizades
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 36) Um dos pais se casar novamente
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 37) Sofrer agressão física ou ameaça de agressão por parte dos pais
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 38) Ser tocado(a) sexualmente contra a vontade
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 39) Ser suspenso(a) da escola
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 40) Ter sido adotado(a)
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 41) Ficar grávida / A namorada ficar grávida
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 42) Fazer aborto / A namorada fazer aborto
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 43) Ser levado(a) para uma instituição de abrigo
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 44) Ter problemas no trabalho
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 45) Ter provas no colégio
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 46) Ficar pobre
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
- 47) Usar drogas
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 48) Um dos pais ter que morar longe por causa do serviço
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 49) Envolver-se em brigas com agressão física
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 50) Ser estupro(a)
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 51) Ser rejeitado(a) pelos familiares
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 52) Ser assaltado(a)
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 53) Ser xingado(a) ou ameaçado(a) verbalmente
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 54) Separação dos pais
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 55) Ser expulso(a) da escola
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 56) Ser expulso(a) da sala de aula pela professora
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 57) Ter sofrido algum tipo de violência
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 58) Terminar o namoro
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 59) Sentir-se rejeitado(a) por colegas e amigos(as)
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 60) Sofrer acidente
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 61) Ter problemas com autoridades ou chefia
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 62) Ter mau relacionamento com colegas
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 63) Ser impedido(a) de ver os pais
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()
 64) Ser pobre
 Não ()
 Sim () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 ()